

Graça Índias Cordeiro

Sociabilidade Urbana

Aviso

O conteúdo deste website está sujeito à legislação francesa sobre a propriedade intelectual e é propriedade exclusiva do editor.

Os trabalhos disponibilizados neste website podem ser consultados e reproduzidos em papel ou suporte digital desde que a sua utilização seja estritamente pessoal ou para fins científicos ou pedagógicos, excluindo-se qualquer exploração comercial. A reprodução deverá mencionar obrigatoriamente o editor, o nome da revista, o autor e a referência do documento.

Qualquer outra forma de reprodução é interdita salvo se autorizada previamente pelo editor, excepto nos casos previstos pela legislação em vigor em França.

revues.org

Revues.org é um portal de revistas das ciências sociais e humanas desenvolvido pelo CLÉO, Centro para a edição eletrónica aberta (CNRS, EHESS, UP, UAPV - França)

Referência eletrónica

Graça Índias Cordeiro, « Sociabilidade Urbana », *Ponto Urbe* [Online], 3 | 2008, posto online no dia 31 Julho 2008, consultado o 29 Janeiro 2016. URL : <http://pontourbe.revues.org/1838> ; DOI : 10.4000/pontourbe.1838

Editor: Núcleo de Antropologia Urbana

<http://pontourbe.revues.org>

<http://www.revues.org>

Documento acessível online em:

<http://pontourbe.revues.org/1838>

Documento gerado automaticamente no dia 29 Janeiro 2016.

© NAU

Graça Índias Cordeiro

Sociabilidade Urbana



O

80º volume da bem sucedida colecção Passo-a-Passo, da Jorge Zahar Editores, traz-nos uma visão abrangente e original da sociabilidade urbana a partir da confluência de duas perspectivas: a exploração da noção de sociabilidade, entendida como prática continuada de interações recíprocas que vão fazendo (e desfazendo) a sociedade, e a focalização etnográfica na experiência do cidadão que vive os espaços e territórios urbanos constitutivos das cidades mais ou menos alargadas do mundo contemporâneo. O convite não podia ser mais sugestivo: ir ao encontro da cidade relacional e situacional seguindo uma explicitação muito clara, simples e rigorosa de um conjunto de ferramentas (termos, conceitos, métodos) que a antropologia urbana tem, ao longo das últimas décadas, usado e incorporado no seu património. Ou, para retomar palavras do autor: “estabelecer certas trilhas de reflexão, dentro das quais as cidades e suas relações sociais foram tematizadas” (p.17).

- 1 Sociabilidade e cidade moderna são duas noções fundamentais na obra de Simmel e que marcam o início desta retrospectiva. As várias acepções de sociabilidade – essa “forma lúdica arquetípica de toda a socialização humana” (p. 9) – são passadas a pente fino, com destaque para a centralidade da ideia de “acção recíproca” entre indivíduos que o distanciaria de autores como Durkheim e o aproximaria de Marcel Mauss ou, até, de Lévi-Strauss, não deixando de acentuar a visão dinâmica e profundamente relacional que esta troca social tem para Simmel. No que se refere às ‘grandes cidades, locais privilegiados da realização do moderno’ (p. 14) o dado novo surge com o contraste entre a proximidade corporal e a distância espiritual, tema que se tornará recorrente ao longo de todo o século XX, desde a proximidade física e distância social da Escola de Chicago até à acessibilidade versus diversidade social e cultural, binómio fundacional do ‘urbano’ explicitado na já clássica *Exploring the City*, de Ulf Hannerz (1980), obra cuja importância Heitor Frúgoli bem enfatiza neste livro. A figura do “estrangeiro, como forma específica de interacção que sintetiza proximidade e distância” (p. 16) e a noção de “indivíduo como ponto de cruzamento de círculos sociais” constituem, pois, duas das vertentes mais significativas da obra simmeliana para esta incursão na sociabilidade urbana.
- 2 Sociabilidade que, no âmbito da ‘Escola de Chicago’, adquire contornos empíricos mais específicos e, sobretudo, uma projecção espacial muito marcada – que teria ajudado a produzir um sentido do lugar (sense of place). A cidade enquanto território impõe-se, tanto na sua vertente ecológica como etnográfica, fragmentada em “mundos sociais que se tocam, mas não se interpenetram” e que existem em torno de formas de sociabilidade e convivência diferentes, de acordo com Robert Park. Evitando o risco do esvaziamento de um conceito que parece abarcar todo o ser social (citando Gilberto Velho), o autor identifica duas tipologias que ajudam a ler o conceito: “a interacção entre diferentes ou estranhos” e a “relação entre indivíduos que se conhecem ou interagem regularmente” (p.30) Quanto ao primeiro caso, é a questão da diversidade urbana, tão cara à antropologia urbana, que é cuidadosamente trabalhada (p. 26, sobretudo) exemplificado com alguns casos sobre o modo como a co-presença em espaços públicos produz espaços comunicacionais onde a sociabilidade surge, também, no seu papel criador de proximidades e distâncias entre indivíduos e grupos – como

os shopping centers de São Paulo analisados por Frúgoli, os trabalhos clássico de Jane Jacobs, uma interessante referência a uma etnografia do uso da rua realizada num bairro carioca (Catumbi) por uma parceria arquitecto-antropológica ou, ainda, uma inevitável referência a Norbert Elias e ao seu conceito de configuração. No segundo caso, é a relação entre iguais que interessa aprofundar, onde a sociabilidade “intra-classista” em espaços sociais circunscritos com uma certa homogeneidade leva certos bairros a serem olhados como comunidades que, em certas condições de segregação sócio espacial e marginalidade, nos conduzem ao tão popular conceito de gueto. As contribuições de Louis Wirth, Loic Wacquant e Jacques Donzelot (entre outros) são aqui devidamente apresentadas, fazendo uma reflexão extremamente actual e pertinente a partir dos casos americano e francês que permitem o refrescamento crítico de uma metáfora-conceito por vezes abusivamente utilizada.

- 3 Extremamente criteriosa e didáctica é a trajectória que é traçada nesta obra do conceito de situação, nascido no interior de um referencial estrutural-funcionalista (p. 44), que situa, com grande clareza e segurança, as linhas com que a antropologia urbana se tem tecido. Desde a tradição sociológica e etnográfica da Escola de Chicago, até à antropologia social britânica, que atingiu um dos momentos mais ricos e férteis, do ponto de vista teórico e metodológico, com os trabalhos do Rhodes-Livingstone Institute sobre a urbanização, mudança e etnicidade (ou tribalismo) em sociedades africanas, a noção de situação é imprescindível para compreender a cidade relacional e permite, ainda, re-pensar, de forma criativa e interactiva, a relação, sempre difícil para a antropologia, entre o território, a cultura e suas fronteiras. Mas este livro convida-nos a ir mais além destas trajectórias cruzadas e vai aprofundar o “aspecto relacional e situacional que os arranjos interaccionais possuem na própria criação e dissolução dos vínculos sociais” (p. 52). Mais do que uma tensão entre alguns conceitos - sociedade, socialidade, sociabilidade; indivíduo vs pessoa – que parece resultar, em grande medida, de olhares disciplinares diferentes (sociologia e antropologia), Heitor Frúgoli valoriza certas noções bem mais concretas e próximas da realidade como, por exemplo, o de sociabilidades alargadas (Michel Agier) que ajuda a compreender como se criam dinâmicas de redes cuja ampliação produz uma espécie de “esferas de continuidade entre espaços próximos dos habitantes e quadros públicos de criação e representação de identidades colectivas” (p. 50) que, finalmente, nos leva a uma ideia de cidade, metaforicamente entendida como ‘rede de redes’, para usar a conhecida expressão de Ulf Hannerz. Visão alargada esta que completa e abarca a ideia-base semelhante de que o indivíduo moderno deve ser olhado como “um ponto privilegiado de cruzamento de vários círculos sociais, um pólo de relações e tensões” (p. 54).
- 4 Estimulado pelas leituras e discussões realizadas no Grupo de Estudos de Antropologia da Cidade, que o autor coordena na Universidade de São Paulo, este livro responde pela positiva e de forma concisa e inteligente a um desafio sério: conjugar tradições sociológicas e antropológicas na focalização da cidade e do cidadão, perspectivando as dinâmicas sócio-culturais urbanas de uma forma relacional e situacional. O resultado, obviamente feliz, lembra-nos que, no âmbito dos estudos urbanos, as obras mais inspiradoras têm rompido barreiras disciplinares clássicas estritas ao partirem na busca de novos modos de ler estas realidades complexas, permanentemente em mutação, que não cabem em olhares monodisciplinares. Como é o caso, em certa medida, dessas duas obras de referência devidamente apresentadas neste pequeno livrinho – *Exploring the City* (Ulf Hannerz, 1980) e *L’invention de la ville* (Michel Agier, 1999), infelizmente (incompreensivelmente) nenhuma delas traduzida, ainda, para o idioma português.
- 5 Ficamos, pois, à espera, de novas publicações de Heitor Frúgoli que dêem continuidade à exploração destes caminhos múltiplos de que a antropologia urbana é feita. Esperando que num futuro próximo possa haver uma circulação mais generosa em Portugal das excelentes publicações que, nesta temática, têm surgido nos últimos anos no Brasil...

Referência(s):

Heitor Frúgoli Jr. Sociabilidade Urbana. Coleção Passo-a-Passo. Jorge Zahar Editores, Rio de Janeiro. 2007. 72 pp

Para citar este artigo**Referência eletrônica**

Graça Índias Cordeiro, « Sociabilidade Urbana », *Ponto Urbe* [Online], 3 | 2008, posto online no dia 31 Julho 2008, consultado o 29 Janeiro 2016. URL : <http://pontourbe.revues.org/1838> ; DOI : 10.4000/pontourbe.1838

Autor**Graça Índias Cordeiro**

Depto. de Antropologia e Centro de Investigação e Estudos de Sociologia – ISCTE

Direitos de autor

© NAU
